

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Sobre resistência, empoderamento e juventude em um centro cultural carioca

Ramona Antony

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9846>

Submetido em: 2024-09-12

Postado em: 2024-09-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

SOBRE RESISTÊNCIA, EMPODERAMENTO E JUVENTUDE EM UM CENTRO CULTURAL CARIOCA

RAMONA ANTONY/A 1

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3710-0359>

<ramona.atny.contato@gmail.com>

PPGA-UFF. Niterói, RJ, Brasil

RESUMO: No presente trabalho, discorro sobre algumas problemáticas de minha pesquisa quanto ao empoderamento de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no antigo centro cultural Motim, na cidade do Rio de Janeiro, tendo como base os dados construídos nos oito meses de campo, entre setembro de 2023 e abril de 2024. Enraizada nas subculturas *punk* e *riot grrrl*, a proposta do espaço foi a de ser um ambiente seguro, onde tais grupos pudessem ocupar e realizar exposições artísticas, oficinas e apresentações musicais, dada sua dificuldade em acessar outros locais predominantemente masculinos e heterossexuais. A primeira questão abarca a possibilidade de - a partir da teoria subcultural desenvolvida no *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham, e do trabalho “Não se nasce mulher”, de Monique Wittig - pensar os grupos em foco no espaço enquanto classes, participando de um processo de resistência contra a cultura sexista e LGBT-fóbica dominante em nossa sociedade. A segunda questão trata - partindo das perspectivas de Sara Mosedale quanto ao empoderamento, de Dick Hebdige sobre a construção de estilo e apropriação de objetos mundanos pelas subculturas, e de Clifford Geertz quanto à cultura sendo semiótica e o trabalho antropológico como interpretativo - do processo simbólico de empoderamento dentro do centro cultural, das razões para denominá-lo como tal e como pretendo conduzir minha análise no que virá a ser minha dissertação de mestrado.

Palavras-chave: centro cultural, juventude, subcultura, resistência, feminismo

RESISTANCE, EMPOWERMENT AND YOUTH AT A CULTURAL CENTER IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT: In this paper, I address a few aspects related to my research on the empowerment of women and LGBTQIA+ people at the former Motim cultural center in Rio de Janeiro, based on data collected over eight months of fieldwork, from September 2023 to April 2024. Rooted in punk and riot grrrl subcultures, the space was designed to be a safe environment where these groups could hold artistic exhibitions, workshops, and musical performances, given their difficulty accessing predominantly male and heterosexual venues. Drawing from the subcultural theory developed at the Centre for Contemporary Cultural Studies, at the University of Birmingham, and Monique Wittig’s work “One Is Not Born a Woman”, I explore the possibility of the focal groups within the space being classes in a process of resistance against the dominant sexist and LGBTQIA+-phobic culture in our society. The second issue examines, through Sara Mosedale’s perspectives on empowerment, Dick Hebdige’s theories on the construction of style, and Clifford Geertz’s views on culture as semiotic and the anthropological work as interpretative, the symbolic process of empowerment occurring within the cultural center, the reasons for designating it as such and outlines how I plan to conduct my analysis.

Keywords: cultural center, youth, subculture, resistance, feminism

INTRODUÇÃO

Entre setembro de 2023 e abril de 2024, realizei a pesquisa no campo que escolhi trabalhar as questões em minha dissertação de mestrado: o centro cultural Motim. O espaço era muito visado por bandas independentes, em especial aquelas da cena *punk* e *hardcore*, tendo sido uma das principais casas de show na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Seu encerramento resultou, pelo que me foi passado por meus interlocutores, em um vazio cultural difícil de ser preenchido, não havendo, até onde sabemos, um espaço semelhante. Lá eram realizados diferentes tipos de eventos como feiras literárias, oficinas, festas e apresentações musicais, principal atividade realizada no local.

A Motim teve início no ano de 2016, fundada por Leticia, conhecida como Lety, e Amanda Hawk. Contudo, é preciso traçar o contexto que levou ao início de suas atividades. Em 2015, Lety fazia parte do coletivo *Raiotage*, que abordava pautas feministas e transfeministas. O movimento começou pela demanda inicial de formação de bandas de mulheres, algo que sentiam falta na cidade do Rio de Janeiro. A ideia era uni-las para falar sobre questões de gênero, política e formar grupos musicais. O coletivo funcionava dentro do escritório do selo musical "Transfusão Noise Records", do qual Lety era sócia. Por inúmeras dificuldades, como de fazer suas demandas serem ouvidas, em dezembro de 2015, se desligou do selo e do coletivo, que acabou pouco depois pela falta de organização e fortalecimento de seus membros.

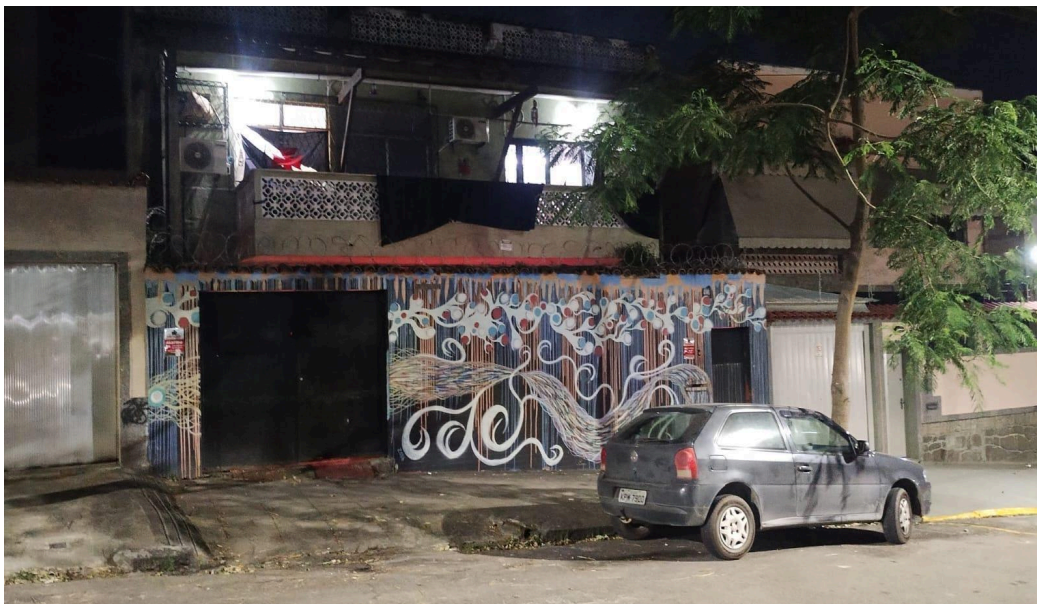
Após sua saída, foi abordada por Amanda com a proposta de abrir uma casa de shows e espaço cultural próprio, com o acordo inicial de disponibilizar o espaço e sua decoração, enquanto Lety seria responsável pelo estúdio e equipamento de áudio. Em agosto de 2016, a Motim foi fundada em seu primeiro endereço, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com a rejeição e reclamações dos moradores da região, se viram obrigadas a mudar para seu segundo endereço, em Vila Isabel. Antes disso, Amanda se desligou do espaço e entraram novas coordenadoras, sendo que apenas três delas ainda fazem parte da organização: Hanna, Vitória e Thais. Em 2020, ocorreu a mudança para o terceiro e último endereço, no mesmo bairro que o anterior, contudo, em uma região próxima da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Sua proposta sempre foi a de ser um local voltado para as mulheres e pessoas LGBTQIA+, buscando seu empoderamento, dada a dificuldade desses grupos se inserirem em outros ambientes culturais cuja organização era majoritariamente masculina e heteronormativa. Portanto, pessoas fora desse perfil poderiam frequentar, mas o que acontecia ali não era pra eles. As bandas, por exemplo, para se apresentarem, precisavam ter algum membro que fizesse parte dessas categorias. Os eventos

eram, em sua maioria, pensados com esse ideal, embora houvesse situações onde a estrutura era alugada para eventos privados e fechados.

Seu terceiro endereço, o único onde realizei minha pesquisa, era localizado no topo de uma íngreme rua. Chegando à Motim, os frequentadores se deparam com uma casa de três andares, por trás de um muro com uma colorida pintura, um portão para entrada de veículos, utilizado também como entrada do público e das bandas, e uma porta de aço que dava acesso direto ao segundo andar, que era uma residência de uma das sócias.

Figura 1: Fachada da Motim em 12 de abril de 2024 (Fotografia digital)



Fonte: acervo pessoal, 2024

Os eventos eram limitados ao primeiro piso do imóvel: um amplo espaço aberto com sofás, diferentes mesas e cadeiras, um espaço infantil com brinquedos e jogos, bar, banheiros unissex e uma sala isolada acusticamente onde eram realizadas as apresentações musicais. O ambiente era decorado, desde as paredes aos vasos sanitários, com pinturas, desenhos, pichações, panfletos e adesivos, refletindo os sentimentos de liberdade e acolhimento que eram oferecidos aos frequentadores.

No presente trabalho, não busco apresentar nenhuma interpretação final sobre como se dá o processo de empoderamento das mulheres e pessoas LGBTQIA+ na Motim. Atualmente, me encontro em período de análise dos dados construídos, partindo das anotações em meu diário de

campo, fotografias, gravações de áudio e vídeo. Gostaria, portanto, de discutir algumas questões teóricas da minha pesquisa.

A primeira delas envolve a possibilidade de se pensar os grupos em foco no espaço como classes sociais participando de um processo de resistência subcultural. Minha indagação tem como base o arquétipo subcultural (HALL; et al, 2006), desenvolvido no antigo Centre for Contemporary Cultural Studies, na Universidade de Birmingham, e o trabalho de Monique Wittig “Não se nasce mulher” (2019), em que a autora apresenta sua crítica ao materialismo histórico e propõe a ideia de que as mulheres seriam uma classe social, participando de um conflito de classes, buscando a erradicação de sua categoria e da dominação masculina.

Posteriormente, discorro sobre o processo simbólico de empoderamento das mulheres e pessoas LGBTQIA+ dentro do centro cultural. Para isso, trago as perspectivas de Sara Mosedale quanto ao empoderamento e os aspectos necessários para sua análise (2005); a teoria de Dick Hebdige quanto ao estilo e à apropriação de objetos mundanos por parte das subculturas para construir sua diferença (2002); e a definição de cultura enquanto semiótica de Clifford Geertz e sua proposição para o trabalho antropológico como interpretativo em busca de significados (1989).

Figura 2: Interior da Motim (Fotografia digital)



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Antes de passar para questões inerentes a este trabalho, é necessário apresentar alguns personagens da minha pesquisa que se farão presentes no decorrer do texto. Gostaria, portanto, de apresentar alguns de meus interlocutores e as categorias analíticas através das quais os relaciono no espaço. Primeiramente, temos as sócias da Motim no período em que estive imersa no centro, tendo já mencionado a primeira delas. Leticia, conhecida como “Lety”, é uma produtora cultural, estudante de pedagogia e guitarrista na banda Trash no Star, que fundou junto a seu companheiro, Felipe. Outra sócia do espaço é a Hanna, historiadora e artista visual. A terceira sócia da Motim é Thais que, além de farmacêutica e funcionária na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), é guitarrista da banda Texuga. Por fim, temos a Vitória, conhecida como “Vita”, que trabalha no setor audiovisual e dividia a Lety a função de técnica de áudio das apresentações.

O segundo grupo, denominado por mim de “núcleo satélite”, compreende os cônjuges, amigos e parentes das sócias, que se faziam presentes com frequência nos eventos, chegando a trabalhar como parte da equipe, e cuja presença se confundia com a paisagem da Motim. Colega de Lety na banda “Visão Turva”, Rodolpho foi um dos interlocutores que mais contribuiu para minha pesquisa. À primeira vista, seu corpo coberto de tatuagens, roupas escuras e postura séria ofuscam a pessoa amigável e carinhosa que realmente é. Professor de geografia, doutorando e proprietário da editora Tormenta, trabalhava recorrentemente no espaço, tanto no bar como no caixa. Outros interlocutores que fazem parte desse grupo virão a ser apresentados em trabalhos futuros sobre minha pesquisa. No presente momento, trago apenas esse para tratar das problemáticas que venho a discorrer. O mesmo se faz válido para o terceiro grupo, composto pelo público do espaço, sem fazer uma distinção com base na frequência que estiveram no local, e para o quarto: os artistas e expositores que participaram dos eventos.

Tal sistema de classificação de meus interlocutores é, portanto, organizado com base nos quadros fornecidos pelo contexto do próprio espaço, sendo hierarquizantes ao alocar as pessoas em grupos, relacionados entre si, formando um todo uno e tornando as relações mais compreensíveis (DURKHEIM; MAUSS, 1990). Existem, também, algumas interseções entre tais categorias como, por exemplo, todas as sócias já atuaram como expositoras, e algumas pessoas do núcleo satélite também atuavam como público e artistas. Contudo, essa questão não viria a beneficiar a problematização abordada neste trabalho, tendo escolhido não discutir sobre elas, apenas apontar sua existência.

1. EXPERIÊNCIA EM CAMPO

Durante o período em que foi conduzida a pesquisa, estive presente na maior parte dos eventos realizados na Motim. Minha proposição inicial de pesquisa era me colocar nas diferentes posições que pude observar em contatos anteriores ao início do campo: enquanto público, enquanto equipe e enquanto expositora de alguma proposta artística. Infelizmente, com o encerramento repentino das atividades, não pude atuar como expositora. Contudo, acredito que a densidade dos dados construídos durante a pesquisa me permitiu uma interpretação objetiva, embora não participativa, da experiência de como seria realizar uma apresentação ou exposição no centro cultural. Minha metodologia de pesquisa em campo envolveu não só uma observação participante como também, em alguns momentos, uma observação flutuante. Ao me fazer presente no espaço, principalmente no período enquanto público, me deixei ser levada pelo que acontecia nos eventos e ser atingida pelos dados, da mesma forma que no exemplo trazido por Colette Pétonnet em seu trabalho “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense” (2008).

Nos primeiros meses de campo, minha posição no espaço era apenas enquanto pesquisadora, recebida pelas sócias para observar e participar dos eventos. Devido à minha ansiedade e preocupação de estar presente no espaço, reconheço que me comportava de forma contida e tímida, principalmente quando interagia com outros interlocutores além da Lety, que foi primordial nesse período. Algumas situações que exemplificam o meu comportamento era o de sempre perguntar se poderia adentrar no espaço do bar e colocar minha garrafa de água na geladeira ou sempre pagar os cigarros e bebidas antes de consumi-los. Comportamentos comuns para alguém que não desenvolveu uma relação de intimidade com aqueles que coordenam e trabalhavam em um local novo. Entretanto, no meu caso, esse comportamento vinha, pela minha neuro-divergência e dificuldade com interações sociais, associado a um sentimento de ansiedade por desejar me aproximar de meus interlocutores.

Esses sentimentos, contudo, cessaram após um diálogo com Rodolpho. Durante um dos eventos, estávamos conversando quando pedi para pagar dois cigarros. Ele então olhou para a Lety e, em seguida, disse que “iria me falar algo que todos gostariam mas que ninguém conseguia”: que eu não precisava ficar tão tímida, que eu era “da galera” e que, se quisesse um cigarro, poderia eu mesma pois sabiam que eu não iria deixar o espaço sem pagar o que foi consumido.

Essa percepção, corroborada pelos outros interlocutores presentes, foi o momento em que me foi apontado algo que ainda não havia percebido: minha posição na Motim havia mudado. Eu

não era mais apenas uma pessoa de fora, presente no espaço enquanto antropóloga, mas parte daquele grupo onde havia uma relação de amizade e confiança entre seus membros. Eu havia me tornado, como Rodolpho apontou, parte “da galera”.

Figura 3: Espaço do bar no interior da Motim (Fotografia analógica)



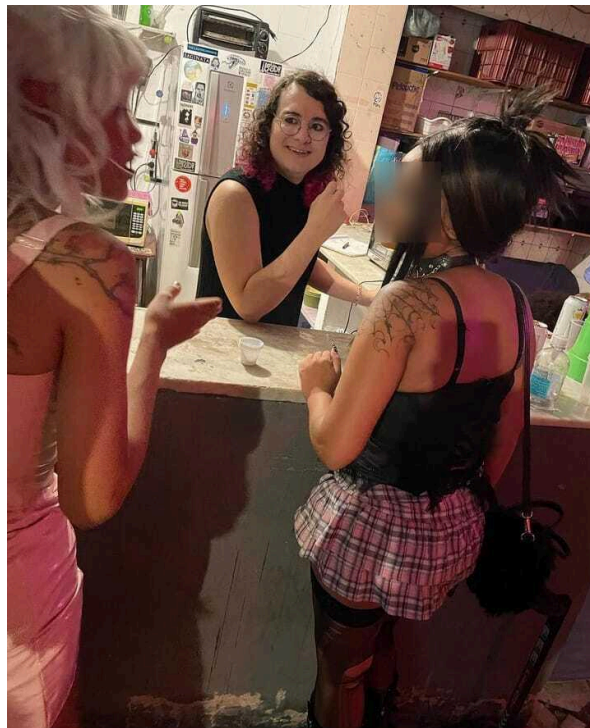
Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Passei então a repensar o meu campo, minhas relações com meus interlocutores, e percebi que o espaço era mais aberto para mim do que dimensionava. Essa experiência poderia ser analisada como um afetamento (FRAVET-SAADA, 2005), se tratando de uma experiência que me levou a novas reflexões e questões que viriam a ser aplicadas ao campo. Esse apontamento por parte do Rodolpho também me levou a perceber as diferentes relações em campo por um novo olhar. Uma das percepções que tive, pouco depois, foi sobre como era o relacionamento entre as sócias e delas para com outras mulheres e pessoas LGBTQIA+. O consumo de bebidas alcoólicas era algo comum durante os eventos embora, durante toda minha pesquisa, tenha presenciado duas ocasiões em que pessoas tiveram reações adversas pelo consumo desmedido de álcool.

Existia um sentimento de cuidado para com o público, não só pela segurança física mas emocional. Elas ofereciam água para as pessoas que pareciam ter bebido além do que aguentavam, davam apoio e conversavam com pessoas que pareciam estar passando por alguma experiência negativa. Em uma das últimas idas a campo antes do encerramento das atividades, estive com Lety

no bar conversando e ajudando até que ela chama minha atenção para uma mulher, de aproximadamente 20 anos, vestida de forma que parecia associada à subcultura gótica, e que aparentava ter chorado dada a maquiagem borrada e o rosto inchado. Essa jovem já havia consumido algumas latas de cerveja quando foi até o bar pedir mais uma. Após entregar o pedido, Lety perguntou se ela estava bem e ofereceu ser uma ouvinte para desabafar, recebendo a resposta de que estava bem, apenas decepcionada com um homem que veio encontrar. O que essas situações demonstraram foi exatamente o sentimento de união propagado dentro da Motim. A sororidade era, no caso, um dos aspectos que apontavam o processo de resistência.

Figura 4: Momento em que estivera trabalhando no bar no evento de carnaval (Fotografia digital)



Fonte: Letícia Lopes, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C276bL1JJLv/?igsh=Z3pwNm0ybjZoeDBi>

Foi a partir do aprofundamento da minha relação de amizade para com as sócias e outras pessoas que faziam parte “da galera” que pude também trabalhar no espaço, inicialmente como atendente do bar. Ocupar essa função acabou por me permitir ter um contato maior com outras pessoas, visto que não precisava mais buscar os dados, mas aproveitar os momentos em que iam até mim comprar algo, conversar e coletar os dados. A experiência de trabalhar no centro também me levou a percepção de que, não só o espaço era gerido por mulheres LGBTQIA+ e voltado para esses grupos, mas, ao colocar essas pessoas para trabalhar nas diferentes funções disponíveis (caixa,

atendente de bar e técnica de áudio), e buscando sempre eventos que enaltecem e reforçam o empoderamento, era construído um ambiente subcultural aos moldes da subcultura punk e riot grrrl. Essa percepção sobre a dimensão subcultural, que aparentava existir na Motim, foi a catalisadora para a reflexão que virá a ser discutida na próxima seção.

2. SOBRE AS MULHERES ENQUANTO CLASSE E A RESISTÊNCIA SUBCULTURAL

A primeira questão deste trabalho envolve a possibilidade de pensar nas mulheres e pessoas LGBTQIA+ enquanto classes sociais, cuja subcultura está em um processo de resistência dentro da Motim. Para tal discussão, é necessária uma breve apresentação do arcabouço teórico que está na base de minha pesquisa: a teoria subcultural desenvolvida pela escola de Birmingham, os estudos pós-subculturais desenvolvidos a partir do final da década de 1980, suas críticas ao arquétipo do CCCS e a perspectiva feminista das mulheres enquanto classe social.

2.1. Escola de Birmingham e a resistência subcultural

O estudo das subculturas jovens começou a se estabelecer através dos trabalhos realizados pelos pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham, durante a década de 1970. As principais perspectivas da escola se encontram no livro *Resistance through rituals*, editado por Stuart Hall e Tony Jefferson, mais especificamente no primeiro capítulo *Subcultures, cultures and class* (2006). Para os membros do centro de pesquisa, a cultura nas sociedades complexas não era homogênea, ou seja, não havia apenas um conjunto de ideias e formas culturais e, grupos e classes além daquelas dominantes, também produziam expressões de sua subordinação. A cultura das classes mais poderosas estaria, portanto, em conflito com outras configurações que buscam resistir e derrubar sua hegemonia (HALL; et al, 2006).

Dentro dessa conjuntura, as subculturas jovens seriam estruturas menores, mais localizadas e diferenciadas das redes culturais maiores, que devem exibir forma e estrutura suficientemente distintas. Entretanto, devem ser observadas também características que as articulem com a cultura de onde se originaram. Ou seja, ao mesmo tempo que é preciso existir diferenciação suficiente para apontar que tal configuração não é a mesma que sua *parent culture* (a cultura de onde ela se originou), mas um subconjunto, também é preciso haver indícios de sua relação para com a cultura de onde saiu. As subculturas devem tomar forma ao redor de atividades distintas e questões centrais para os grupos que as compõem e, enquanto algumas são aspectos persistentes da cultura de classe de classe da geração anterior, outras aparecem em momentos históricos particulares, se tornando observáveis

e rotuláveis como, por exemplo, os punks e skinheads ao final da década de 1970 no Reino Unido (HALL; et al, 2006).

Apesar de aparentarem ser diferentes, as subculturas ainda existem dentro da cultura de classe mais ampla de onde saíram. Ou seja, aqueles que embarcam nas atividades subculturais ainda compartilham da mesma posição de subordinação cultural e das mesmas experiências de vida da sua *parent culture*. O ponto central da perspectiva do CCCS é a de que as subculturas estão em uma dupla articulação de resistência: para com a sua *parent culture* e a cultura dominante na sociedade, dos grupos e classes em posições de poder, e que se fazem como “a cultura” da sociedade (HALL; et al, 2006).

2.2. Pós-subculturalismo e suas críticas ao modelo do CCCS

A partir da década de 1990, alguns pesquisadores da cultura jovem ao redor do globo passaram a ter o entendimento de que o arquétipo subcultural, desenvolvido pela escola de Birmingham, não condizia com a realidade observada. Era tido pelos seus estudiosos que as configurações sócio-culturais dos jovens não eram mais afetadas por divisões sociais como classes, tendo se tornadas transitórias, fluidas e organizadas ao redor de escolhas de consumo e estilos de vida individuais (SHILDRICK; MACDONALD, 2006).

Esse novo modelo, que visava superar a teoria subcultural de Birmingham, passou a ser conhecido como pós-subcultural, trazendo novas categorias de análise construídas para analisar os novos modos de organização da juventude. Will Straw, em 1991, apresentou uma dessas novas nomenclaturas: a cena, se tratando de espaços cuja função seria de reunir indivíduos não por classe ou comunidade, mas por gosto musical e estilo (BENNET, 2011), características do próprio mundo pós-subcultural defendido pelos pesquisadores.

Com o passar dos anos, diversas críticas ao modelo de Birmingham foram apresentadas pelos pesquisadores que a rejeitavam, apontando: a aparente precariedade na construção e articulação da teoria; uma escassez metodológica nos estudos de caso; uma preocupação desmedida com classes sociais; e a invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre a cultura jovem. Entretanto, esses autores também vieram a ser confrontados pelas suas propostas e por problemas teórico–metodológicos em suas pesquisas. Shane Blackman (2005), por exemplo, aponta a falta de coerência teórica e de poder para explicar os comportamentos culturais da juventude nas teorias pós-subculturais, embora reconheça que elas poderiam trazer novos meios de analisar as práticas

criativas dos jovens. O autor também pontua que, em contraste à crítica de que a teoria do CCCS não dá espaço para as variações locais das subculturas, os teóricos pós-subculturalistas acabam por dar tanta atenção ao localismo que não veem as semelhanças em núcleos subculturais ao redor do globo, trazendo como exemplo as variações e semelhanças entre os grupos de hip-hop por todo o mundo (SHILDRICK; MACDONALD, 2006).

Embora reconheça a validade do arquétipo pós-subcultural na contemporaneidade, a teoria subcultural de Birmingham ainda é aplicável quando tratamos de espaços como a Motim. Seria viável trabalhar o centro cultural, por exemplo, enquanto cena. Contudo, estamos lidando com um claro exemplo de uma subcultura jovem se fazendo presente no espaço. Embora haja multiplicidade de estilos e fluidez, não se nega o fato de que uma subcultura é o cerne do processo de resistência no local. Sendo assim, pretendo tomar algumas problemáticas e categorias pós-subculturais como complemento, mas o objeto é melhor analisado a partir das ideias do CCCS.

2.3. Mulheres como classe no processo de resistência subcultural

Após minha entrada em campo, em minha primeira leva de dados, veio a percepção de que a Motim se tratava de um espaço guiado pelos ideais de produção independente, intimamente ligado à subcultura *riot grrrl*, vertente do *punk* (diria até que seria sua *parent culture*). Para uma breve contextualização, no começo da década de 1990 havia uma insatisfação das mulheres quanto à sua participação no movimento *punk* e a falta de representatividade. Os eventos eram violentos, dominados por homens, impedindo sua participação efetiva, além de ser público ou trabalhar em posições menores para a realização dessas apresentações. Nesse contexto, elas começaram a produção de *fanzines* (publicações textuais independentes feitas de forma artesanal) e a organizar bandas de mulheres (SILVA, 2016). Foram tais ideais que acabaram por guiar a organização do centro cultural. Embora se tenha uma multiplicidade de estilos presentes no espaço, desde adeptos das subculturas gótica, *punk*, *indie* e até do *hip-hop*, ainda é possível colocar a Motim como um espaço da subcultura *riot grrrl*.

Diferente do olhar pós-subcultural, que poderia abordar o centro como uma cena (BENNET, 2011), dada a fluidez de estilos que se fazia presente, penso se tratar, na verdade, de um espaço subcultural: um ambiente onde o processo de resistência de uma subcultura pode ser observado, analisado e interpretado. Pois bem, qual seria então a classe cuja subcultura, neste caso *riot grrrl*, estaria em conflito? Se tratando da Motim, seriam as mulheres e pessoas LGBTQIA+. O arquétipo de Birmingham aponta que a resistência subcultural é um reflexo do conflito de classes,

onde as subculturas seriam um dos meios pelos quais os jovens das classes trabalhadoras encontram para expressar sua subordinação. Em vez de me basear no arcabouço marxista, pensando no conflito proletariado/burguesia, abordo os grupos em foco como classes sociais e, a subcultura *riot grrrl*, como um reflexo de sua luta com os homens e pessoas heterossexuais.

Monique Wittig aborda em seu trabalho “Não se nasce mulher” (2019) tal perspectiva. A autora começa trabalhando com a ideia do “mito da mulher”, apontando que a categoria não seria a causa ou origem da nossa opressão, mas apenas uma marca imposta pelo opressor. Isso nos leva ao entendimento que somos uma classe social, uma categoria política, e não um dado natural. Estando em um conflito com os “homens”, se é proposto que devemos, primeiramente, dissociar a classe “mulheres” dentro da qual lutamos do mito “mulher” aplicado pela dominação masculina e que visa ocultar a realidade de que somos, afinal, uma classe. Da mesma forma que Wittig reivindica as mulheres enquanto classe em conflito com aqueles em posição de dominação, os homens, é possível pensar da mesma forma a população LGBTQIA+. No caso, estaríamos analisando essa parcela como em conflito com a classe heteronormativa.

Levantada a possibilidade de pensar os grupos abordados enquanto classe social, e a subcultura *riot grrrl* como um reflexo da sua resistência, podemos afirmar que este é o processo que se dá na Motim? Qual seria a cultura dominante e a *parent culture* contra as quais podemos analisar seu conflito? Primeiramente, estamos tratando de uma resistência perante a cultura dominante em nossa sociedade, carregada de representações sexistas e LGBT-fóbicas. Quanto à *parent culture*, precisamos definir a cultura da qual o *riot grrrl* seria um subconjunto. Poderíamos analisar que esta posição é ocupada, como proferido pelos pesquisadores do CCCS, pela cultura da classe trabalhadora. Entretanto, acredito que a melhor forma de pontuar esse processo seria em relação à subcultura *punk*.

Como discutido anteriormente, a subcultura *riot grrrl* tem sua origem nas mulheres que participavam do *punk* mas estavam insatisfeitas com sua posição e falta de representatividade no movimento. Quando pensamos no contexto de sua concepção, na violência presente nas casas de show *punk*, vemos semelhanças com a fundação da Motim. Pensado como um espaço seguro, o centro cultural e seu funcionamento atuam como parte da resistência perante, não só a nossa sociedade que coloca as mulheres e pessoas LGBTQIA+ em posições de subordinação, como também para com a subcultura *punk*, com a qual podemos observar diferentes paralelos que apontam como sua origem, mas também suas diferenças que validam uma existência independente.

Considerando minhas observações em campo e os dados coletados em conversas com meus interlocutores, a proposição de considerar os grupos em foco enquanto classes sociais, cuja subcultura (*riot grrrr!*) está em processo de resistência, se faz não apenas plausível como permite pontuar que o processo de empoderamento dessas pessoas, uma das propostas do espaço, atua como parte da resistência subcultural.

3. O PROCESSO SIMBÓLICO DE EMPODERAMENTO NA MOTIM

Sendo meu objeto o processo simbólico de empoderamento das mulheres e pessoas LGBTQIA+ na Motim, gostaria de tratar agora sobre algumas questões pertinentes a forma com que ele vem sendo trabalhado em minha pesquisa. Discorro pela sua conceitualização, minhas perspectivas sobre se tratar, primeiramente, de um processo, e também, como simbólico, para então pontuar como o processo de construção do estilo e a apropriação de objetos mundanos permitem apontar no espaço o empoderamento atuando no processo de resistência subcultural.

3.1. Definição e análise do empoderamento

Sarah Mosedale (2005) define o empoderamento das mulheres como o processo pelo qual nós redefinimos e estendemos o que é possível para nós sermos e fazermos em situações onde somos restringidas, comparadas aos homens. Para a autora, existem quatro aspectos que parecem ser universalmente aceitos. O primeiro afirma que, para ser empoderada, a pessoa precisa estar desempoderada. No caso das mulheres, nos encontramos nessa posição em relação aos homens. Segundo, o empoderamento não pode ser dado por terceiros, mas aquelas que buscam se empoderar devem lutar por isso. Terceiro, as definições de empoderamento geralmente vem com uma ideia de que há outras pessoas tomando decisões sobre coisas a seu respeito. Em quarto, o empoderamento é um processo contínuo e não o resultado, não tendo um objetivo final, logo, não existe um estado de empoderamento absoluto (MOSEDALE, 2005).

Da mesma forma como ocorre com o empoderamento das mulheres, podemos encontrar tais aspectos presentes no empoderamento das pessoas LGBTQIA+, que: estão em uma posição de desempoderamento em relação às pessoas heterossexuais; estão em uma luta pelo seu empoderamento; existem pessoas tomando decisões sobre assuntos importantes em sua vida, por exemplo, a proibição do casamento homoafetivo em diversos países; e, por fim, também é um processo contínuo, tal qual das mulheres, assim o considerando para o intuito da minha pesquisa.

Em seu trabalho “Assessing women’s empowerment: towards a conceptual framework” (2005), Mosedale propõe um arquétipo para se discutir o empoderamento, citando três aspectos que devem se fazer presentes. O primeiro deles afirma que é necessário identificar repressões para ação visando o empoderamento. Este seria o núcleo do seu modelo analítico, tendo algumas funções como: providenciar um parâmetro para ser analisado posteriormente se houve alguma mudança e contribuir para construir um entendimento entre as mulheres envolvidas de que são discriminadas com base em seu gênero. Ao trabalharmos com métodos participativos para empoderar um grupo, Mosedale (2005) coloca como vital evitar considerar que as percepções das pessoas envolvidas são imutáveis, sempre incluindo meios para que seja possível refletir sobre sua situação e reconhecer seus próprios interesses. Nesse processo, ela coloca a figura do que chama de “facilitadora”: uma pessoa que detém as informações sobre o empoderamento e a situação das mulheres e que as usa para promover o pensamento crítico das outras. No caso de minha pesquisa, posso identificar as sócias da Motim nessa posição.

O segundo aspecto descrito pela autora envolve identificar como a agência das mulheres se desenvolveu. Para Mosedale, se as restrições para ação forem aliviadas, as possibilidades para essas ações, e consequentemente a agência das mulheres no processo, serão maiores. Entretanto, devemos nos atentar, não só para as possibilidades, mas para as próprias ações tomadas. Ela questiona, para tratar dessa questão, se as mulheres iriam tirar proveito de direitos mais igualitários dos homens, ou se haveria uma pressão social dificultando a ação, resultando em um menor ou maior impacto na agência e empoderamento. Seria necessário identificar algumas questões sobre se a visão das mulheres sobre gênero mudou, se suas perspectivas sobre elas mesmas mudou e como elas atuaram entre si para atingir seus objetivos (2005).

O terceiro e último aspecto apresentado por Mosedale para o arquétipo de análise do empoderamento das mulheres envolve identificar como a agência das mulheres mudou as restrições para a ação. A autora aponta que devemos questionar se qualquer diminuição das restrições ocorreu devido à ação das mulheres. Se for o caso, estaríamos falando de um caso de empoderamento. Caso contrário, não seria, pois ele não pode ser dado, mas conquistado. Essa ação pode ser tanto coletiva quanto individual, a recusa de uma mulher em sofrer silenciosamente ou até mesmo de uma organização influenciada pelos protestos das mulheres. Assim, devemos nos perguntar que ações as mulheres tomaram para mudar seu contexto, como elas se apoiam e aprendem com suas ações e quais oposições encontraram em sua luta (2005).

3.2. O empoderamento enquanto processo simbólico

Passo agora para o esclarecimento que gostaria de fazer referente à expressão usada anteriormente: sobre o motivo de utilizar a categoria “processo simbólico” para me referir ao empoderamento das mulheres e pessoas LGBTQIA+ na Motim. Para isso, trago as perspectivas do antropólogo Clifford Geertz quanto ao trabalho etnográfico e nosso papel enquanto pesquisadores. O autor entende a cultura como sendo semiótica, uma teia de significados, tecida pelo próprio ser humano, onde está preso. Nossa função seria interpretar e descrever os significados dos diferentes signos observados em campo, buscando compreender a cultura expondo sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Ele utiliza como exemplo uma situação envolvendo dois meninos piscando, afirmando que seria necessária uma descrição densa para compreender quem está realmente “piscando” e quem estaria tendo um tique nervoso, apenas a contração das pálpebras (GEERTZ, 1989).

O empoderamento seria, portanto, um processo, por se tratar de um movimento contínuo e não um fim a ser atingido (MOSEDALE, 2005), e simbólico, por envolver sistemas interligados compostos por signos passíveis de serem interpretados, sendo promovido através de símbolos (sejam comportamentos, adesivos ou bandeiras) quais podemos identificar e interpretar. Minha análise se dá através da proposição de Geertz: isolando os diferentes elementos culturais, os signos e seus significados, e caracterizando o sistema inteiro de modo geral, sendo guiada pelos símbolos básicos em torno do qual a conjuntura sociocultural da Motim é organizada. É possível traçar um diálogo entre a conceitualização da cultura de Geertz com o processo de “construção de estilo” proposto por Dick Hebdige (2002).

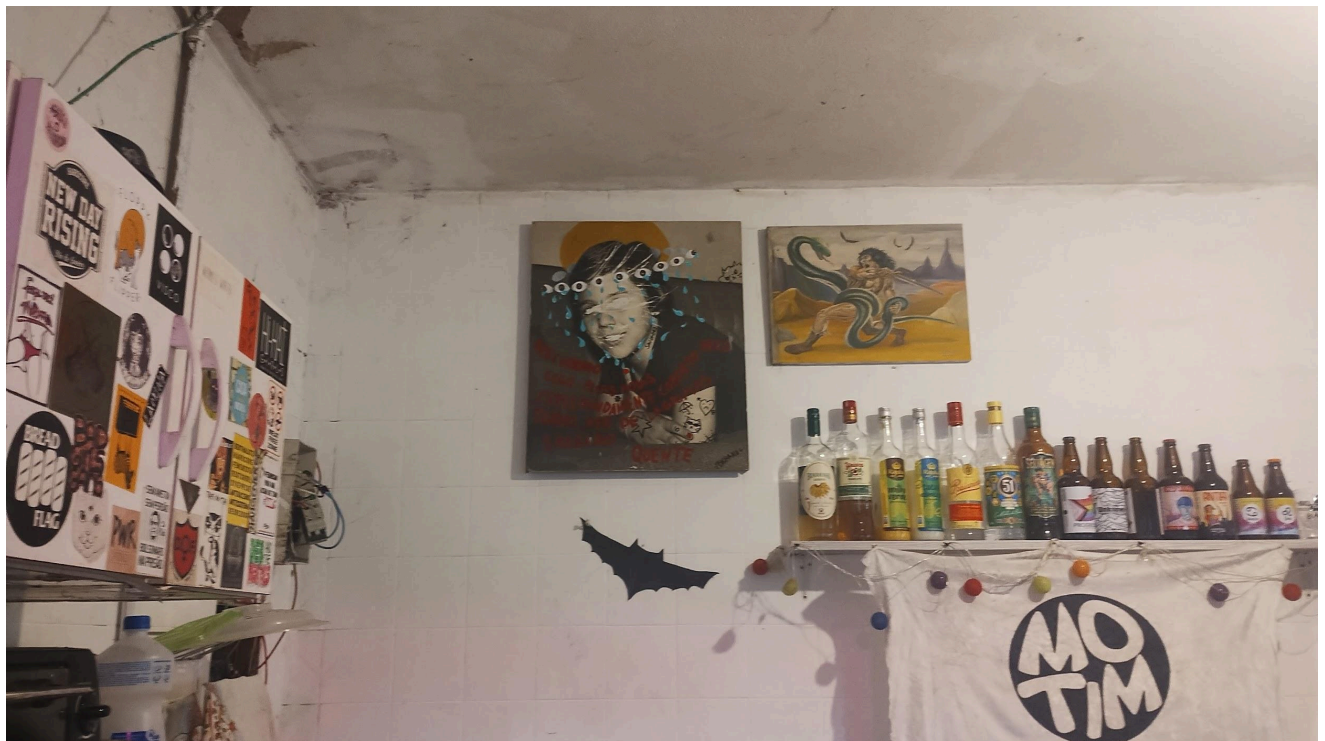
3.3. A construção de estilo atuando no empoderamento

Aliada ao modelo interpretativo/semiótico de Clifford Geertz (1989), tenho como base teórica o trabalho Dick Hebdige (2002). Uma das problemáticas da minha pesquisa, como bem apresentada na seção anterior, envolve a análise do meu objeto através da perspectiva de que a Motim poderia ser enquadrada como um espaço subcultural. De acordo com o autor, essa dinâmica pode ser encontrada refletida na superfície das subculturas, através da construção do “estilo”. É proposto que isso se trata da maneira como os indivíduos subculturais se apropriam e transformam símbolos culturais e materiais disponíveis para criar uma identidade distinta, se tratando de uma forma de resistência simbólica, subvertendo as normas da cultura dominante. Os membros das subculturas, portanto, usam roupas, linguagens e outros elementos culturais para se destacar e se

diferenciar. Esses signos que compõem o estilo possuem um duplo significado: ao mesmo tempo que, para o resto da sociedade, expõem a presença da diferença, são, para aqueles que os tornaram ícones, símbolos de sua identidade subcultural (HEBDIGE, 2002). Um exemplo que podemos pensar é no alfinete de fraldas, apropriado pelos punks e muito utilizado como piercings e acessórios.

Essa apropriação de objetos cotidianos e sua subsequente transformação em objetos que carregam significados, em signos da diferença, foi observado durante os eventos na Motim, não só pelas vestimentas e acessórios, como o caso do alfinete, mas em pôsteres, pichações, adesivos e outros objetos que evidenciam a diferença do centro como um espaço *riot grrrl* e o próprio processo de resistência subcultural que busca o empoderamento dos grupos focados pela organização. Um dos exemplos que mais me chamaram a atenção é o uso da bandeira LGBTQIA+ em diferentes pontos do espaço. Um objeto que proclama o orgulho desse grupo, foi apropriado no espaço para, não só cumprir essa finalidade, como também apontar que aquele era um local subcultural, apontando a presença dessa diferença, da subcultura e da sua resistência.

Figura 5: Decoração no bar da Motim (Fotografia digital)



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Figura 6: Bandeira LGBT utilizada como decoração e controle do acesso ao segundo andar
(Fotografia digital)



Fonte: arquivo pessoal (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões presentes neste texto não representam perspectivas finais quanto ao meu objeto. Meu objetivo veio a ser pontuar duas questões que se fizeram presentes na minha pesquisa e discorrer sobre o arcabouço teórico e minhas perspectivas atuais sobre ambas. O primeiro ponto levantado foi referente a possibilidade de se pensar nas mulheres e pessoas LGBTQIA+ enquanto classes sociais participando de um processo de resistência através da Motim. Concordando com Monique Wittig (2019) sobre a necessidade de se pensar as mulheres enquanto classe, e expandindo meu entendimento para o outro grupo foco do centro cultural, os dados construídos em campo junto a meus interlocutores corroboram, até o momento, a perspectiva de Birmingham sobre a

resistência, tendo sido delimitado contra quem se resiste, qual a subcultura das classes subordinadas em questão e como isso ocorre.

A segunda problemática abordada trata sobre minha percepção do objeto enquanto processo simbólico. A partir do entendimento de Sara Mosedale (2005), o empoderamento não seria um fim, um objetivo, não havendo um sujeito em posição de empoderamento absoluto. Trata-se, na verdade, de um movimento contínuo por parte daqueles que buscam expandir o que é possível para eles e retomar controle sobre decisões referentes a si mesmos. Além disso, meu entendimento atual é de que existe uma dimensão simbólica presente onde, através de diferentes signos interpretáveis, interligados em um sistema cultural, o processo se faz presente e representado (GEERTZ, 1989). Esse entendimento semiótico do empoderamento em meu campo também está presente na segunda questão.

Durante meu campo, pude observar aquilo que Dick Hebdige, em seu trabalho “Subculture: the meaning of style” (2002), chama de construção do estilo: uma apropriação por parte das subculturas de objetos mundanos e sua transformação em ícones da sua identidade subcultural. No interior do centro cultural, alguns exemplo que pude observar seriam as diferentes bandeiras LGBT espalhadas pelo espaço, adesivos de bandas e outros projetos culturais, fixados desde as paredes ao interior dos vasos sanitários, fazendo referência às propostas do espaço e da própria subcultura *riot grrrl*, e as vestimentas dos frequentadores. Todos esses signos, dentro do contexto do meu campo, são utilizados como demarcação e identificação da proposta principal do espaço, que é ser um ambiente seguro a ser ocupado pelos grupos alvo, ou seja, eles tornam perceptível a identidade subcultural do espaço e representam essa diferença.

Acredito que minha pesquisa sobre o centro cultural Motim tenha repercussões, não só para aqueles envolvidos diretamente com o espaço, mas também para as discussões dentro do cânone da antropologia. A cultura jovem e as subculturas são temas comumente relacionados à sociologia e aos estudos culturais, contudo, um dos meus posicionamentos para a escolha do tema, vem de acreditar na necessidade do aprofundamento desses estudos na antropologia, tirando-os da adjacência à outros temas e os colocando aos holofotes de pesquisas antropológicas.

REFERÊNCIAS

BENNET, Andy. **The post-subcultural turn: some reflection 10 years on.** Journal of Youth Studies. Vol. 14, Nº 5, 2011.

BLACKMAN, Shane. **Youth Subcultural Theory: A critical engagement with the concept, its origins and politics, from chicao school to postmodernism.** Journal of Youth Studies. Vol. 8, Nº 1, 2005.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. **Algumas formas primitivas de classificação.** In: DURKHEIM, Émile. Sociologia. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

FRAVET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”.** Cadernos de Campo, nº 13, ano 14, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura.** In: A interpretação das culturas. Rio de janeiro: LTC Editora, 1989.

HALL, Stuart. et al. **Subcultures, cultures and class.** In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. Resistance through rituals: youth subcultures in post-war britain. 2ª ed. Oxfordshire: Routledge, 2006.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style.** 2ª ed. Londres: Routledge, 2002.

MOSEDALE, Sarah. **Assessing women’s empowerment: towards a conceptual framework.** Journal of International Development. Nº 17, 2005.

PÉTONNET, Colette. **Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense.** Antropolítica, Nº 25, p. 99-111, 2008.

SHILDRICK, Tracy; MACDONALD, Robert. **In defense of sub-culture: young people, leisure and social divisions.** Journal of Youth Studies, Vol. 9, Nº 2, 2006.

SILVA, Patrick Monteiro do Nascimento. **Ruído feminista: uma etnografia de “rolês” riot grrrl no Rio de janeiro.** Monografia (Bacharelado em antropologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher.** In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA DO PAPER: Mestranda no programa de pós-graduação em antropologia da Universidade federal fluminense (PPGA-UFF) e bacharela em ciências sociais pelo Instituto de ciências sociais da Universidade do estado do Rio de janeiro (ICS-UERJ). Mulher trans, autista e TDAH, trabalha com temas ligados à juventudes, subculturas, feminismo e música.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.